



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Das clínicas de cirurgia plástica aos grupos online: escolhas e desigualdades em novas configurações (bio)tecnológicas

Autoria: Jéssica Cristine Brandt da Silva (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A emergência da “doença do silicone”, principalmente em fóruns na internet, é o tema geral desse estudo. A partir das trajetórias de mulheres reunidas em um desses fóruns, um grupo brasileiro no Facebook acompanhado etnograficamente desde 2018, discute-se os entremeios de seus projetos corporais em um contexto de promessas tecnológicas e incertezas. As trajetórias tem alguns pontos em comum, entre eles a confiança na medicina estética, que prometeu melhoramentos corporais definitivos; a performance de pelo menos uma cirurgia plástica com a colocação de próteses de silicone nas mamas; e posteriores problemas e adoecimentos relacionados a essas próteses. Acreditando que esse tipo de problema seria uma raridade, que estaria longe de suas realidades e posteriormente adoecendo, essas mulheres sentem-se enganadas e agora procuram respostas alternativas àquelas dadas por profissionais de saúde ao seu sofrimento. Dessa forma, no contexto atual, os grupos online acabam sendo uma alternativa. O grupo de apoio para retirada de próteses de silicone permite discussões pessoalizadas, menos mediadas por uma linha de profissionais ligados à área da saúde que hoje são vistos pelas integrantes com desconfiança. Entrevistas em profundidade com algumas delas permitem notar desigualdades significativas em suas trajetórias. Essas desigualdades referem-se a alguns pontos, entre eles: os planejamentos diversos quanto à forma como serão executados os seus projetos corporais; os padrões de vida mais ou menos privilegiados no acesso a recursos materiais e imateriais; e por fim contingências relativas a saúde e adoecimento. Indaga-se como essas desigualdades impactam no



balizamento das escolhas que essas mulheres fazem a respeito de seus projetos corporais. Esse estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado sobre os impactos das novas biotecnologias de modificação corporal, sobretudo estéticas, cujo foco é a emergência da doença do silicone. A orientação teórico-metodológica geral da pesquisa alinha-se à antropologia da ciência. Nesse estudo destacam-se debates sobre pós feminismo, antropologia digital e os impactos das novas tecnologias na vida dos sujeitos abordados.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: